

Doclisboa'12

A urgência do cinema

"Big brother, we are watching you"

"Me matan si no trabajo y si trabajo me matan". É o retrato da greve dos metalúrgicos argentinos nos anos 70. Já "Cuando despierta el Pueblo" retrata a construção do socialismo no Chile. Escolhas não inocentes de filmes para ver ou rever no DocLisboa, que este ano inclui a secção "Cinema de Urgência", feita de documentários realizados por cidadãos anónimos. Há ocupações. Manifestações. A 10ª edição do festival começou ontem e está em Lisboa até dia 28 Outubro com mais de 180 filmes. **LÚCIA CRESPO** lcrespo@negocios.pt



"BIG BROTHER, WE ARE WATCHING YOU". O PODER INSTALADO como alvo de vigilância. Uma espécie de repto lançado aos cidadãos anónimos. Um convite ao escrutínio e ao exercício do poder através de uma câmara. O tutorial "How to film a Revolution", um excerto do filme "Occupy the Movie", realizado por Corey Ogilvie, esboça algumas técnicas para filmar uma revolução e pode ser visto no DocLisboa'12, o 10º Festival Internacional de Cinema, até 28 de Outubro. A escolha do DocLisboa não é, claro, inocente. "Com uma câmara na mão, o cidadão tem o poder de mostrar o mundo, suprimindo lacunas dos meios tradicionais", diz Cíntia Gil, uma das directoras do festival, evento que este ano inclui a secção "Cinema de Urgência", feita, precisamente, de documentários realizados por cidadãos no contexto das actuais lutas políticas e sociais.

Filmes bem recentes que chegam através de redes sociais, de pessoas de todo o mundo. Da Grécia, da Síria, de Espanha, de Portugal. Como o documentário que reproduz a história do Espaço Colectivo Autogestionado do Alto da Fontinha ou o filme "Artigo 45º", que retrata o direito à manifestação. Na Grécia, Konstantinos Iordanou filmou um grupo de passageiros no comboio nocturno que liga Salónica a Atenas e assim chegou a "Cheap Tickets". A crise grega é, também, vista pelos olhos de um cão rafeiro. Adoptado por uma família rica, Thanassis, 10 anos, é abandonado quando os donos entram em falência. Assim é "Thanassis - A Greek Dogumentary", um pequeno filme de Demetri Sofianopoulos. Dos Estados Unidos chegou "Gravity Hill Newsreels: Occupy Wall Street Part 1", que reúne um conjunto de documentos sobre o movimento que ocupou as ruas da praça financeira de Nova Iorque.

"São filmes que vão ao encontro da raiz do documentário como forma de cidadania e de compreensão da realidade", salienta a directora do festival. Mais que cinema de intervenção, Cíntia Gil prefere o termo cinema de urgência, até porque envolve uma imediatez entre o gesto de filmar e o momento de difusão. E mais que informação objectiva, estes filmes transmitem uma experiência. "A informação chega por aí, marcada pela vivência dos cidadãos".

E também não é inocente a escolha da retrospectiva "United we Stand, Divided we Fall", que tem como ponto de partida os acontecimentos do Maio de 68, estendendo-se pelos anos setenta e oitenta. Há filmes sobre movimentos operários, feministas, estudantes, das minorias; movimentos contra a guerra, contra a exploração e o totalitarismo dos governos. Um percurso da França ao

Chile, dos Estados Unidos à Itália, do Japão à Inglaterra, até Portugal, com a exibição, por exemplo, de "Os Caminhos da Liberdade" (1974), da cooperativa de cinema Cinequipa, um documentário sobre o 25 de Abril, com imagens de arquivo que incluem o cerco ao Quartel do Carmo, a libertação dos prisioneiros políticos do Forte de Caxias, a detenção dos ex-agentes da PIDE, em Caxias, o regresso dos exilados políticos - Mário Soares e Álvaro Cunhal, o 1º de Maio".

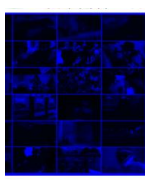
A retrospectiva "United we Stand, Divided we Fall" inclui sessões como "Heróis da Classe Operária", com filmes como "La Reprise du Travail aux Usines Wonder", um documentário realizado em 1968 pelo colectivo de estudantes do Institut des Hautes Études Cinématographiques, ou "Classe de Lutte", do Groupe Medvedkine de Besançon. Já sob a sessão "Against the War" estão documentários como "Red Squad", de Howard Blatt, Steven Fischler e Joel Sucher, filme de 1972 que retrata a contra-vigilância de um serviço de segurança encarregue de filmar e gravar as manifestações políticas de Nova Iorque. Os realizadores voltam o dispositivo contra os polícias e mostram os seus rostos, desvendando táticas policiais. Não falta a sessão "Lamentos da América do Sul", com documentários sobre a construção do socialismo no Chile ("Cuando despierta el Pueblo", 1973) ou sobre a greve dos metalúrgicos na Argentina ("Me matan si no trabajo y si trabajo me matan").

Colectivos de uma retrospectiva que, no marco de um tempo de crise, é apontada como uma forte proposta política: "A consciência de sermos cidadãos individuais em tempos de crise leva-nos, como indivíduos, a questionar os factos de forma colectiva, a procurar um novo espaço dentro da comunidade onde novas formas de trabalho sejam possíveis", apontam os organizadores do festival de cinema, que conta com "workshops", debates e mesas redondas com temas como "ARTP e o Serviço Público de Televisão" e "Laboratórios de Cinema Independentes".

Não falta uma retrospectiva integral da obra da realizadora belga Chantal Akerman e uma homenagem ao cineasta Fernando Lopes, falecido em Maio, com a exibição dos filmes como "As Pedras e o Tempo" (1961), "Cinema" (2001) e "Olhar/Ver - Gérard Fotógrafo" (1998).

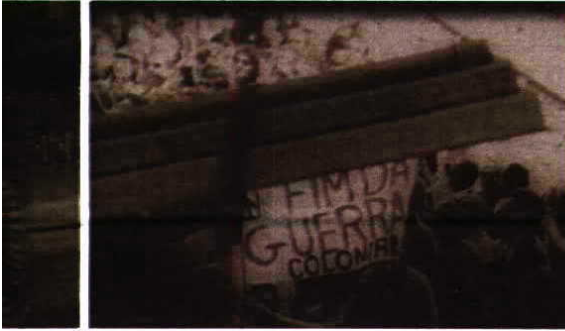
Organizado pela Apordoc - Associação para o Documentário, o Doclisboa decorre em espaços como a Culturgest, Cinema Londres, São Jorge, Cinemateca Portuguesa e Carpe Diem Arte e Pesquisa, na Galeria Palácio Galveias. ■





ID: 44313665

19-10-2012 | Weekend



**A urgência do Doclisboa**

“Big brother, we are watching you”.

A 10.ª edição do festival começou ontem e está em Lisboa, até dia 28 Outubro, com mais de 180 filmes.



DoClisboa'12
"Big brother, we
are watching you"